língua alvo criamos o projeto: "Uma câmera na mão, uma idéia na cabeça" Uma proposta para as aulas de Língua Estrangeira. Tendo como fundamentação teórica a Abordagem Comunicativa, propusemos aos alunos tratar em sala de aula de um único assunto: cinema, dando-lhes suporte lingüístico e técnico para que, completamente absortos na língua alvo e na sua cultura (por meio dos filmes espanhóis) fossem capazes de produzir curtas-metragens. Os materiais utilizados foram: uma câmera filmadora, fitas VHS, uma televisão, um videocassete, um aparelho de som, um retro-projetor e o livro, que acompanha fita de vídeo, De Cine-Fragmentos Cinematográficos para el aula de E/LE. O resultado foi altamente satisfatório não só tendo em vista a qualidade do produto final como pelo desenvolvimento da competência comunicativa e a interação gerada tanto entre os alunos quanto entre estes e os funcionários da escola.

"LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: QUE ASPECTOS ABORDAR NA PRÁTICA DA SALA DE AULA?"

Alessandra Montera Rotta (USP)

A leitura em língua estrangeira requer o desenvolvimento de habilidades e estratégias de leitura que estão vinculadas ao processo de de elaboração e de tratamento das informações que o texto apresenta e que o cérebro capta através dos olhos. Estas informações são decodificadas pelo cérebro na medida em que façam sentido e que encontrem alguma adaptação nas informações anteriormente recebidas. Trata-se, portanto, de um processo contínuo onde o leitor faz predições e desenvolve estratégias para selecionar os índices mais produtivos, em função das suas experiências de leitura e das suas experiências de mundo. Se o leitor consegue controlar o que lê e não deixar que a ansiedade por saber o significado de palavra por palavra no dicionário atrapalhe sua leitura, então o cérebro é capaz de ir construindo o sentido do texto com base nas predições e seleções dos índices mais significativos, e ainda, fazer inferências ao longo da leitura.

O ENSINO INSTRUMENTAL DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO SÉCULO XXI: ADEQUAÇÕES E INOVAÇÕESO ENSINO INSTRUMENTAL DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO SÉCULO XXI: ADEQUAÇÕES E INOVAÇÕES

Cristina Casadei Pietraróia (USP)

A metodologia de ensino de línguas estrangeiras conhecida como "metodologia instrumental", desenvolvida para facilitar o acesso de estudantes estrangeiros à leitura de textos acadêmicos em suas áreas de estudo e pesquisa, teve seu apogeu nos anos 1970 e 80, época em que obras de referências, como as de Moirand, Lehmann e Vigner entre outros (no caso do Francês Língua Estrangeira), trouxeram para a didática da leitura importantes questões como a da abordagem global, a das estratégias descendentes e, principalmente, a do papel do leitor na construção do sentido de um texto e as interações que se estabelecem entre o texto e seu conhecimento de mundo. Ficou evidente que, para os leitores do início e apogeu da metodologia instrumental, era fundamental romper com a leitura linear, ascendente e totalmente voltada à decifração lexical, fazendo com que eles resgatassem suas próprias habilidades e competências de leitura e soubessem utilizar adequadamente seus conhecimentos específicos e de mundo num processo

de construção do sentido dos textos lidos que considerava tanto suas situações de produção quanto de recepção.

Hoje, no início do século XXI, a metodologia instrumental continua a ser amplamente empregada, principalmente nos cursos universitários que preparam estudantes para os exames de proficiência. Embora a mesma, ela sofreu adequações e beneficiou-se com importantes inovações a partir dos estudos da psicologia cognitiva e dos trabalhos interativos que trouxeram à tona as dificuldades de gerenciamento que tem o leitor estrangeiro em utilizar de modo adequado as estratégias ascendentes e descentes de leitura, o que, muitas vezes, pode resultar num "curto-circuito" da compreensão textual.

Esta comunicação tem justamente por objetivo analisar a metodologia instrumental e o comportamento do leitor de língua estrangeira (no caso o francês) nos dias atuais, trazendo para a discussão as recentes contribuições da psicologia cognitiva para o estudo e pesquisa sobre a leitura.

O GÊNERO CARTA DO LEITOR NO ENSINO DO FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

Aline Saddi Chaves (USP)

Este trabalho apresenta um resumo da dissertação de mestrado intitulada "O gênero carta do leitor: uma proposta de ensino do FLE" concluída em 2003 na Universidade de São Paulo. Nessa pesquisa, descrevemos o funcionamento lingüístico-discursivo da carta do leitor e propomos a transposição didática desse gênero no ensino/aprendizagem do francês língua estrangeira nos Cursos Extracurriculares da FFLCH-USP. Tendo como hipótese inicial que o ensino tradicional da língua, sustentado pela competência lingüística dos aprendizes, é insuficiente para uma compreensão efetiva da linguagem, encontramos na teoria dos gêneros discursivos de Bakhtin (1979) uma explicação sobre o modo como os falantes se comunicam. Para dar conta da heterogeneidade composicional dos gêneros, buscamos a tipologia de Adam (1992), que concebe o texto por seqüências prototípicas de narração, explicação, descrição, argumentação e diálogo. A fim de observar de que modo as competências de escrita podem ser bem aproveitadas em língua estrangeira quando se toma os gêneros por objeto de ensino, selecionamos a carta do leitor, um gênero estabilizado no jornalismo e caracterizado pela reação dos leitores a fatos sociais. Ao lidar com os conceitos de gênero e tipo, pretendíamos verificar se as instabilidades do gênero seriam atenuadas pelas competências lingüística e textual dos aprendizes. Na análise de cartas como "Vive la rentrée", publicada no jornal francês Le Monde, a presença de uma seqüência predominantemente narrativa e, por outro lado, a ausência de uma seqüência argumentativa, comum nesse gênero, não descaracterizavam a intenção da leitora de fazer uma crítica. Para os alunos, a compreensão foi possível graças à interação das competências: lingüística, textual, enciclopédica e genérica. Esse e outros exemplos nos permitiram concluir que o trabalho com gêneros coloca em evidência o caráter dinâmico e único das produções de linguagem, uma realidade que não pode passar despercebida ao ambiente pedagógico.

O TELEJORNAL E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA CULTURAL EM FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (FLE)

Vera Lúcia Marinelli (USP / PUC-SP)

Esta comunicação tem por objetivo discutir a utilização de telejornais no ensino/aprendizagem do FLE, com o objetivo de desenvolver a competência cultural dos aprendizes. Para tanto, deve-se levar em conta que os alunos são telespectadores de telejornais em língua materna o que contribui para a compreensão de programas similares em francês. Deve-se considerar também a competência cultural como um dos componentes da competência de comunicação. Nessa perspectiva, o telejornal é abordado como um "documento autêntico', um gênero discursivo televisual, no qual são estudados o funcionamento do programa como um todo e das reportagens que o compõem. Esse estudo revela que telejornais europeus francófonos, se comparados a telejornais brasileiros, apresentam diferenças significativas na formatação tanto das edições (número de reportagens) quanto das reportagens (o papel dos repórteres, a estruturação da notícia). Tais diferenças expressam hábitos culturais próprios das populações para as quais os telejornais foram originariamente produzidos e devem ser discutidas com estudantes de FLE.

OUTPUT COMO INPUT NA AQUISIÇÃO DE L2

Stephan Arthur Solomon Hughes (UFRJ)

Este trabalho busca desenvolver a hipótese de que o desempenho ou o chamdo output do aluno de língua estrangeira exerce um papel significativo na aquisição da mesma. Trata-se do título da tese a ser defendida no fim da minha jornada no Mestrado em Lingüística. Questões como a mediação desse desempenho, as outras variáveis que cumprem papel importante na aquisição, o fenomêno da inter-língua serão abordadas para tirar as primeiras conclusões sobre tal assunto. A análise se embasará na teria gerativa com relação a aquisição.

RECUPERANDO O FEMININO NA LÍNGUA INGLESA

Elenice Giosa (USP)

O tema discute as bases míticas da cultura britânica, caracterizadas nas lendas Arturianas e na busca pelo Graal O objetivo é trazer à tona os aspectos femininos da cultura inglesa que acabam se perdendo no ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Segundo Morin (2000), o ensino racionalizado, baseado em uma dinâmica patriarcal, dissolve a criação. Acrescentamos ainda, que tal ensino impede que o aluno conheça as verdadeiras bases da cultura a que esta língua pertence, não valorizando a beleza e a sensibilidade que esta língua possui. Percebemos, pois, a falta de um ensino que dê mais atenção à sensibilidade humana, permitindo ao aluno olhar um pouco mais para dentro de si para melhor conhecer-se e conhecer o outro à sua volta, de modo a tornar-se um ser humano mais sensível e mais crítico. Falta o equilíbrio entre razão e sensibilidade. Recorro à hermenêutica simbólica, com base em Gilbert Durand, Ferreira Santos, Jung , entre outros. Tais teorias recuperam a função mediadora do símbolo : entre o que está instituído, patente, e o latente - o sensível, trazendo para o homem o sentido de sua existência. Permitem-me, assim, por meio do ciclo arturiano, recuperar os aspectos femininos

contidos na base dessa cultura e observar como ressoam na língua inglesa.São características que estão presentes na vida e que têm um substrato mitológico que orienta, que fornece , segundo Hillman (1998), "um sentimento de destino". É importante sensibilizar o aluno para os traços simbólico-míticos da cultura a ser estudada, de modo que ele possa entender a constituição desta cultura e, portanto, seus desdobramentos na língua. Acredito, também que este reconhecimento cultural pode interferir na motivação deste aluno. Reconhecendo-nos como mito, podemos explorar a sensibilidade de nossa alma de aprendiz. Desse modo, o aprendizado pode tornar-se mais significativo e mais prazeroso.

UMA PROPOSTA DE FERRAMENTA PARA A COLETA DE DADOS SUBJETIVOS

Maria Carmen Khnychala Cunha (UFU)

Nesta comunicação apresentamos uma técnica de coleta de dados que pode mostrar-se bastante útil na investigação de questões da área de Lingüística Aplicada que envolvam a subjetividade dos indivíduos. A técnica Q é um dos procedimentos operacionais utilizados na "Metodologia Q" de pesquisa. Trata-se do uso de classificações Q, em oposição ao uso, por exemplo, de escalas ou questionários. Tal procedimento envolve um processo através do qual o indivíduo modela seu ponto de vista sobre a questão colocada, através da ordenação de estímulos (asserções, por exemplo), em colunas em pontos ao longo de um contínuo definido por uma determinada condição de instrução. Um princípio básico da técnica consiste no fato de que os itens são avaliados uns em relação aos outros e são retirados de entrevistas qualitativas ou grupos focais, portanto embasados na existência concreta. Através da comunicação de seu próprio ponto de vista o participante torna possível a observação da estrutura e da forma da subjetividade, sem a utilização de definições operacionais prévias de parâmetros ou variáveis, mas com uma derivação a posteriori do comportamento subjetivo. Na Metodologia Q a combinação da distribuição Q como técnica de coleta de dados com o uso da análise fatorial Q, que é o procedimento para análise estatística, permite que o pesquisador se beneficie de ambas abordagens quantitativa e qualitativa.